

Care Santos

**Desejo de Chocolate**

Tradução  
Ana Maria Pinto da Silva

 Planeta

*Para Deni Olmedo,  
por tudo aquilo che dirsi  
mal può dalla parola*



Prelúdio

**Ressurreição**



Dezasseis pedaços de porcelana branca de formas e tamanhos diferentes e um tubo de cola «daquela que cola cientistas ao tecto». Max entrega-se ao jogo, nada divertido, de tentar que encaixem como quem monta um quebra-cabeças. Já passa das três e meia da manhã e deveria estar a dormir – tem de se levantar dentro de quatro horas –, mas prometeu a Sara que o faria e não quer faltar à palavra dada.

Um por um vai pegando nos fragmentos e procura arranjar-lhes um possível companheiro. Quantos mais encontra, menos probabilidades de erro restam em cima da mesa. Embebe os cantos com a cola e fá-los coincidir, pressionando um pouco para que o fluido pegajoso faça o que deve. Satisfeito, observa o resultado. Em alguns casos consegue que a cicatriz fique quase invisível. Em outros é mais difícil, sobretudo se o corte não for tão limpo e se desfez em pequenas esquirolas. Apesar de tudo, pouco a pouco Max reconstrói o que parecia perdido para sempre. Vale a pena estar a cair de sono depois de um serão tão longo como o de hoje. Sara terá uma bela surpresa quando entrar na cozinha de manhã e vir o trabalho que teve.

Foi uma noite estupenda. Primeiro, as confidências entre dois amigos de toda a vida que se reencontram num bom momento. Depois Sara, tão encantadora, tão bonita, tão decidida. O que acontecerá às mulheres depois dos quarenta? Passam por um processo de concentração das suas qualidades que as torna mais intensas, mais inteligentes, mais serenas, mais atraentes do que há vinte anos. Foi assim que Max viu a sua

mulher esta noite e sentiu-se orgulhoso dela. Orgulhoso de ser sua, que sentimento tão primitivo, tão equivocado, tão impróprio de si, pensa, e em contrapartida é forçado a reconhecer que é o sentimento que lhe alegrou o jantar.

Assim que Oriol saiu pela porta, ele e Sara começaram a arrumar tudo. Um lavava a louça, a outra separava as sobras da comida, numa perfeita distribuição de tarefas que já conhecem de cor e salteado de outras ocasiões anteriores. E entretanto, claro, comentavam a estratégia. Ainda bem que por fim o amigo resolveu assentar as ideias, apesar de estarem de acordo que ele poderia ter procurado uma namorada mais perto. «Quem longe vai casar, ou vai enganado, ou vai enganar», havia murmurado Sara, com a mesma cantilena que utilizava a sua mãe, ao mesmo tempo que se esforçava para meter os restos da salada numa caixinha de plástico transparente. «E que espécie de pai achas que ele será?», perguntara Max. «Um desastre», respondera ela, «como, aliás, em tudo o resto.» «Oh, filha, em tudo não, não sejas injusta.» Temos aqui o amigo fiel saindo em defesa dele. «Soube armar tudo muito bem!» Contudo, Sara não respondeu. Tinha olhos de cansada e estava um pouco abatida. Doía-lhe a alma ver a porcelana partida. Observou os cacos com uma resignação desoladora. «Não te preocupes, haveremos de colá-la», dissera-lhe o marido, para ver se conseguia animá-la. «Mesmo que a coles», fora a resposta dela, «eu sempre saberei que está partida.» Em seguida, Sara empilhou as caixinhas transparentes no frigorífico numa ordem racionalista e perguntou: «Importas-te se esperar por ti na cama?»

Max não se importava. Muito pelo contrário. Sabe que Sara precisa de solidão e de tempo para assimilar. Essa noite é apenas o início de um longo caminho. Talvez as cicatrizes nunca desapareçam por completo, como na pele do objecto que começa a recompor-se nas suas mãos, mas será necessário aprender a achar um sentido para elas.

Existe uma beleza esmagadora, total, naquilo que pudemos salvar.

A inscrição em letras azuis da base – que pena – partiu-se ao meio. «*Je suis à madame Ad...*» vive na mão direita de Max, ao passo que «*... elaide de France*» fá-lo na esquerda. Por sorte, não falta nem um milímetro de porcelana e as duas metades encaixam na perfeição. A senhora Adelaide de França, fosse lá quem tivesse sido, pode respirar sossegada.

«No interior dos objectos habitam histórias e vozes que os explicam», dizia Sara, há anos, quando a chocolateira de porcelana branca chegou às suas mãos. «Às vezes, quando lhe toco, parece-me que as escuto.» «E são muitas?», perguntou ele, fascinado. «Umhas quantas. Não vês que se trata de um objecto muito antigo, que passou por várias mãos?» E ele, com o interesse científico de sempre, aprofundava a questão: «Mas isso que estás a dizer é a mesma coisa que admitir que as coisas estão cheias de fantasmas, tal como as mansões dos filmes de *suspense*.» Ela negava com um aceno da cabeça: «Precisamente, Max. As pessoas acreditam em casas assombradas, mas as presenças preferem, de uma maneira geral, viver dentro de objectos pequenos, quase insignificantes, onde ninguém espera que se encontrem.» «Deve ser para não terem que limpar o pó», acrescentou Max, divertido.

Mal reconstrói o bico, partido em três pedaços, e o cola ao corpo em forma de pêra, começa a ver com clareza. Em cima da mesa só restam dois fragmentos da asa. Assim que os devolver ao seu respectivo lugar e tornem a apresentar aquele ar elegante em forma de laço, o quebra-cabeças estará terminado. «Aqui tendes a vossa chocolateira, *madame*. Oxalá vos acompanhe durante muitos anos. Dentro de poucas horas já podereis estreá-la», parece-lhe que diz uma voz desconhecida dentro da sua cabeça, e por um segundo sorri perante o ocorrido. Cola os pedaços, em total entrega ao trabalho como um cirurgião que ultima os pormenores de uma operação delicada. Depois, com álcool e uma bola de algodão, limpa os restos de cola das gretas.

A chocolateira faz-lhe lembrar um veterano de guerra que regressa a casa todo estropiado. Quando Sara a comprou, certa noite a desoras, já se encontrava lascada no bico, havia perdido a tampa e o molininho, mas apesar de tudo era uma peça elegante. A sua mulher nunca lhe contou se o antiquário que lha vendeu a esclareceu sobre a sua procedência. Só sabe que se tratava de um homem velho, tagarela e singular, que lhe baixou o preço ao vê-la tão jovem e tão interessada. Nessa altura a falha destacava-se e estragava o efeito harmonioso do conjunto. Agora, em contrapartida, não destoa em absoluto. Max passa a ponta de um dedo sobre a ferida antiga. Apresenta a aspereza do barro acabado de cozer. Aquela que possuem as coisas vistas de dentro. A aspereza da passagem



do tempo. Mesmo remendada de alto a baixo, a peça poderia ser utilizada. Dá ao certo para três chávenas pequenas de chocolate. Max não pode evitar lamentar-se: agora que Oriol não se encontra, sobra uma. Aliás, sempre sobrará uma chávena.

Quando termina, deixa tudo arrumado. A chocolateira recém-ressuscitada, no centro exacto da mesa. Arranca uma folha do bloco de apontamentos onde ele e Sara costumam elaborar a lista de compras. Escreve «*Voilà!*», e deixa o bilhete em frente à sua obra. Apaga a luz.

Está com receio de ir encontrar Sara acordada, dando voltas a tudo o que aconteceu no dia de hoje. Mas não. Sara dorme como uma criança. Assim que desliza para dentro dos lençóis lavados descobre que a sua mulher está nua. Sabe que isto é um convite irrecusável, mas também que esse não é o momento. Uma vez analisadas as causas e as consequências, avança o despertador meia hora e fecha os olhos. Sente o coração a latejar a mil por hora.

Primeiro Acto

## Malagueta, Gengibre e Lavanda

*As feridas incuráveis do coração são o preço  
que pagamos pela nossa independência.*

HARUKI MURAKAMI



## Comportamento dos polimorfos

As pessoas – está na nossa natureza – cansam-se de tudo. Dos objectos, das diversões, da família, de si mesmas. É indiferente que tenhamos tudo aquilo que desejamos, que gostemos da vida que escolhemos ou que partilhemos os dias com a melhor pessoa do mundo. As pessoas, mais cedo ou mais tarde, acabam por se cansar de tudo.

As coisas passam-se do seguinte modo: uma noite como todas de um mês qualquer, desviamos o olhar do ecrã do televisor para observar por um instante o outro lado da sala, onde o marido se instalou, como todas as noites entre o jantar e a hora de ir para a cama. Nada do que ali vemos nos surpreende. Sobre a mesinha do canto repousa a dezena de livros imprescindíveis, lidos, por ler ou ambas as coisas ao mesmo tempo, e Max encontra-se no mesmo sítio de todas as noites desde o dia exacto em que terminaram as reformas do dúplex: refastelado na sua poltrona de ler (a única peça de mobiliário que ele escolheu), com as pernas assentes sobre o escabelo, os óculos na ponta do nariz ossudo e estreito, o candeeiro de pé derramando sobre as páginas uma claridade zenital como uma estrela de variedades, e nas mãos um livro que o abstrai por completo de qualquer coisa que possa passar-se à sua volta.

Max é daqueles que para ler não precisa de silêncio nem de mais nada a não ser dos adereços que acabámos de descrever: a poltrona, o escabelo, o candeeiro e os óculos. E o livro, é claro. A sua presença constante neste recanto da sala assemelha-se à de um animal de companhia bonacheirão. Não faz barulho, não incomoda ninguém, só de vez em quando

deixa escapar um suspiro, muda de posição ou vira as páginas, e tudo isso é útil para saber que continua vivo e que permanece aqui. Se bem que se não estivesse sentiria a sua falta, pensa Sara no momento exacto em que desvia o olhar do televisor e encontra o marido no lugar do costume a fazer o mesmo de sempre. Estranharia porque se acostumou à sua presença silenciosa do mesmo modo que as pessoas se habituam a ver os móveis no lugar onde se encontram. Trata-se de uma questão de segurança, de equilíbrio. Max é tudo o que Sara tem neste mundo. Todavia, nada disso impede que nesse preciso instante se pergunte: «Por que estou casada com este homem?»

É uma daquelas perguntas que a consciência solta quando se distrai por um segundo e da qual, como é evidente, se envergonha no mesmo instante. Uma daquelas perguntas que nunca formularia em voz alta na frente de ninguém, porque de alguma maneira atacam aquilo que achava mais invulnerável na sua vida. Talvez por isso a sua consciência já prepare uma bateria completa de respostas que nem peças de artilharia: *A que propósito vem isto agora? Acaso não tens tudo o que se poderia desejar? Não estamos a falar de coisas materiais, mas sim de outras deveras difíceis de conseguir. Não escolheste tu mesma, com absoluta liberdade, quando tiveste ocasião de o fazer, a pessoa com quem desejavas casar? Alguma vez te privaste de alguma coisa? Não te felicitaste uma imensidão de vezes por ter escolhido a melhor opção? E não tens a certeza absoluta, sem a mais leve sombra de dúvida, de que Max é, com efeito, não só uma magnífica solução como também a tua, a que te convinha, a que de algum modo te estava reservada? Não tiveste dois filhos lindos, inteligentes e fantásticos que te adoram e que possuem o melhor de ambos? No íntimo, não te sentes orgulhosa do modo como a tua maneira de ser e a de Max convergiram nos caracteres quase perfeitos – dando o devido desconto – dos teus filhos?*

Nesse momento, Max levanta os olhos do livro, tira os óculos e diz:

– Ai, mamã, por pouco não me esqueço! Sabes quem me telefonou? Quando te disser, não vais acreditar. Pairot. Diz que está em Barcelona e que tem a noite de depois de amanhã livre. Convidei-o para jantar, achas bem? Não tens vontade de o ver? Há tanto tempo que não o vemos!

Max só tira os óculos quando o que tem a dizer é importante. Visto que isto o era, espera um instante pela reacção da mulher, mas Sara não

demonstra qualquer tipo de reacção. O homem torna a pôr os óculos e regressa ao seu livro. *Frequent Risks in Polymorphic Transformations of Cocoa Butter*, como se não tivesse dito nada do outro mundo.

– Contou-te por que razão não deu sinais de vida durante todo este tempo? – pergunta ela.

– É um homem ocupado. Também poderíamos ter sido nós a telefonar-lhe, que importância tem isso? Quando foi a última vez, lembra-te? Talvez naquela noite no Hotel Arts, quando lhe entregaram o prémio, não?

– Foi nessa noite, sim.

– Há quanto tempo foi isso? Há seis ou sete anos, pelo menos.

– Nove – corrige Sara.

– Nove? Caramba. Tens a certeza? Como o tempo passa. Pois então o que queres que te diga? Mais um motivo. Não me parece que estejas com muita vontade de o ver. Mas o facto é que sempre gostaste de ver Pairot.

Max volta a pôr os óculos e retoma a leitura do seu livro em inglês.

Sara pergunta-se como pode ser possível que o marido seja capaz de ler um tratado sobre as propriedades físicas da manteiga de cacau com o mesmo interesse que demonstraria ante um romance de Sherlock Holmes, contudo pensa duas vezes e diz para si mesma que nesta altura isso já não deveria surpreendê-la. Estranha muito mais o que acaba de ouvir, e por várias razões: que Oriol esteja em Barcelona (e não em Camberra, ou no Qatar, ou em Xangai, ou na Lituânia, ou em qualquer outro lugar remoto onde podem abrir-se lojas) e que, além disso, se tenha lembrado de que nesta pequena cidade a oeste do mar Mediterrâneo vivem duas pessoas com quem há muito tempo, quando não era nem de perto nem de longe o Oriol Pairot que anda pelo mundo a baptizar estabelecimentos de luxo com o seu nome e que faz com que os seus concidadãos se sintam orgulhosos de o ver na televisão dia sim dia não, teve alguma coisa importante em comum. Também a surpreende que o marido tenha falado com Oriol antes dela, quando por norma a ordem das chamadas era o oposto. Mas o que na verdade a deixa muda de surpresa é que Max não se dê conta da importância que tem o anúncio que acaba de fazer e o tenha proferido de forma casual, entre uma linha e outra dos problemas dos polimorfos, para logo em seguida regressar à sua ausência presente

de todas as noites, quando se sentam neste mesmo lugar a fazer a digestão do jantar – ou talvez da sua vida – e deixam que as últimas horas do dia se escoem em silêncio.

Sara medita acerca do que deveria dizer agora. Poderia responder como uma das personagens da telenovela que deixou de ver mal detetou que estava a tornar-se uma viciada: «Meu Deus, Max, já sabia que mais cedo ou mais tarde ele apareceria de novo.» Ou então poderia iniciar uma absurda cena de autodiscussão: «E quando estavas a pensar contar-me, Max?» Contudo, descarta todas essas possibilidades antes mesmo de começar: Max não é bom em discussões e costuma dar-lhe razão à primeira oportunidade. Por conseguinte, discutir não tem a menor graça. Além disso, hoje sente-se demasiado cansada para ficar obcecada com o que quer que seja e decide não complicar a vida, escolher a solução fácil, que é também a mais conservadora, a mais egoísta e também, estaria disposta a admiti-lo, a mais covarde. Fugir do assunto.

– Não temos nenhuma récita no Liceo?

– Não, já verifiquei. É na terça-feira da semana que vem e é sagrado: *Aida*.

– Não importa. Seja como for, depois de amanhã não posso. Tenho um jantar de trabalho – riposta, com a boca franzida numa careta que pretende ser de descontentamento. – Ele não pode vir num outro dia?

Max volta a tirar os óculos. Os polimorfos esperam sem se alterar, tal como têm por hábito.

– Oh, filha, não lhe perguntei, mas já sabes que ele não pára. Deve ter a agenda mais do que cheia.

– Como toda a gente, aliás. Todos nós temos um montão de coisas para fazer.

– Não digo que não, mas o caso dele é diferente. Passa a vida de um lado para o outro, de aeroporto em aeroporto, viajando para uns países estranhíssimos. Ao que tudo indica, este ano tocou a vez ao Japão. Diz que precisa contar-nos tudo. Parecia muito contente. Que figura! Aquele é como um guerreiro nómada. E entretanto, somos nós que esperamos por ele de braços abertos e com a mesa posta. Sempre tem de haver alguém que prefere levar uma vida tranquila e ordenada. No fundo, nós sempre fomos assim, não achas?

*Tranquila, ordenada, nós e no fundo.* Quatro expressões que a Sara pesam como quatro lousas.

– Sinto muito, mas não vou poder fazer-vos companhia. Há semanas que tenho esse jantar agendado.

*Agendar*, eis aqui um verbo que sublinha um exemplo. Sara também é uma mulher ocupada, importante, moderna, sobrecarregada de compromissos urgentes, que utiliza palavras horríveis inventadas para pessoas que, assim como ela, não podem perder tempo a construir perífrases.

– E não podes adiá-lo? – pergunta Max.

«E por que tenho de ser eu a adiá-lo? O grande Oriol Pairet não pode rebaixar-se e modificar um milímetro os seus planos?»

– Impossível. Trata-se de um jantar com o editor da revista – responde, cortante.

– Mas que pouca sorte. – Nos lábios sempre amáveis de Max aparece de repente um esgar de desgosto sincero. – Posso telefonar e perguntar-lhe até quando vai ficar por cá.

Sara esboça um trejeito de despreocupação, que lhe sai muito natural (tal como pretendia).

– Não te preocupes por minha causa, meu amor. Chegarei a tempo de tomar o café. De certeza que vocês vão ficar a conversar até às tantas.

«Meu amor» é uma estratégia muito bem planeada de enfraquecimento por parte do adversário. «Meu amor», neste caso, significa uma imensidão de coisas implícitas. Significa «está tudo bem», significa «não te preocupes». Significa «estou tranquila e faço o que quero fazer».

– Então está bem. Fazemos assim – diz Max com a sua inflexão quase perfeita, delicada como um seixo rolado depois de mais de vinte anos de relação e dezassete de casamento, do qual se sente orgulhoso. Antes de voltar a pôr os óculos e dar o assunto por encerrado, uma última questão de ordem prática:

– Pomos a mesa no terraço ou será melhor cá dentro? Importas-te de encomendar alguma coisa para jantarmos?

– Claro que sim, papá. Como sempre.

Agora sim: Max põe os óculos e volta imperturbável para os polimorfos e para o seu modo bem curioso de fazer parte deste mundo, adotando formas distintas sem deixar de ser, em essência, eles mesmos (em



essência significa, neste caso, «quimicamente». «Tudo é química», tal como Max gosta de dizer, «nós somos *apenas* química. Tudo o que nos acontece, de bom e de mau, são apenas reacções químicas»). Sara aproveita que o marido está distraído, como quase sempre, para organizar de cabeça o dia de amanhã. Tem um par de reuniões marcadas na agenda, a encarregada estará à sua espera para lhe falar sobre os torrões deste ano, à tarde marcou encontro com um jornalista de uma revista gastronómica bastante conhecida que está a escrever uma reportagem sobre as melhores chocolaterias de Barcelona. Como é óbvio, a Casa Rovira ocupa um lugar privilegiado na sua lista. No entanto, em primeiro lugar toma nota de um compromisso novo que não tinha previsto e que de repente é muito mais importante do que tudo o resto: fazer uma visita ao apartamento vazio da sua vizinha do lado. Há dias que já o deveria ter feito e tem andado a protelar por pura preguiça. Quer assegurar-se de que se trata de um bom lugar, irá amanhã bem cedo. Precisa preparar um bom ponto de observação na retaguarda.



Sara não se lembra de quando foi a primeira vez que Max lhe chamou *mamã* em vez de o fazer pelo seu nome ou por algum daqueles epítetos carinhosos do início – *sweetheart*, *honey*, *dear*... –, mas é evidente que a metonímia foi mais uma consequência do nascimento dos filhos e também, sobretudo, um descuido da sua parte. Sara sempre se culpou em relação a isso, nunca deveria ter permitido que a mulher que era perdesse terreno perante a mãe em que se transformou. O efeito substituiu a causa pouco a pouco e com a passagem dos anos Max esqueceu-se de lhe chamar *honey* e *dear* e *sweetheart* com aquele sotaque encantador de autótone americano e já só a chamava de *mamã*. Já nem era Sara em público, ou pelo menos só muito de vez em quando e se a companhia não fosse de confiança; sempre e diante de todos era já *mamã*, e isso doía-lhe, mas já não protestava como a princípio, quando ainda eram muito jovens e o admoestava: «Não me chames *mamã*! Não sou tua mãe, sou a dela!», e apontava para Aina, que se ria, contente por saber que a linguagem além de divertida é também problemática. E Max defendia-se: «Mas tu

és a mãe desta casa! És a mais importante! E é necessário reconhecer isso.» Foi então que Sara descobriu com um calafrio que Max a achava mais atraente desde que dera à luz. Quando invadia a sua poltrona de ler – as únicas duas ocasiões em que Max lhe cedeu o seu recanto foram as da amamentação dos seus dois filhos, e permitiu-lhe encher a sacrossanta mesa dos seus livros com toda a sorte de objectos singulares, tais como bombas extractoras de leite materno, babetes ou cremes protectores para mamilos –, quando se instalava nela com a filha nos braços e lhe dava o peito com uma paciência de santa de que carecia por completo, dava por Max a observá-la embevecido, como se se encontrasse diante de um fenómeno extraordinário, e aquele olhar às vezes parecia-lhe terno, mas por vezes também lhe causava um pouco de medo, porque lhe dava a sensação de que uma mulher estranha estava a usurpar o seu lugar.

Sara reconhece que o seu instinto materno nestas questões lácteas era quase inexistente, que nunca encontrou reafirmação alguma no acto de dar de mamar, nem tão-pouco na deliciosa intimidade com o seu bebé que tanto proclamam as militantes da coisa, capazes de amamentar durante anos e por quem se nutre uma admiração profunda. Ela, no entanto, saltou esta parte assim que pôde, por mais que Max levasse as mãos à cabeça e não a ajudasse nem um bocadinho a sentir-se menos culpada do que já se sentia. Comprou meia dúzia de biberões e seis latas grandes de leite em pó do mais caro e virou a página do capítulo «aleitação materna» apenas quatro meses depois da chegada de Aina a este mundo. Os livros do recanto de leitura serviram de suporte para biberões e tetinas enquanto Max continuava a observar a cena com cara de parvo e aquilo do nome já estava perdido para sempre.

Agora, quinze anos depois, é de opinião que dizer ao marido que não gosta que lhe chame *mamã* é um pouco ridículo. Tal como o silêncio de Oriol, é um caso prescrito. E se houve alguma coisa que aprendeu nos seus quarenta e quatro anos de vida é que não convém desperdiçar energias em causas perdidas de forma irremediável.

